

Introdução: As Formas Contemporâneas dos Conflitos e das Apostas Digitais

Introduction: The Contemporary Forms of Digital Conflicts and Promises

Special Editors

Vania Baldi*, Jorge Martins Rosa**

*Universidade de Aveiro (DigiMedia and Interaction), vbaldi@ua.pt

**NOVA FCSH (ICNOVA), dedalus.jmmr@gmail.com

Ainda que fazer manualmente uma operação tão simples quanto uma divisão envolva a aplicação de um algoritmo, nunca como nos tempos mais recentes a expressão foi tão usada. A noção de algoritmo já não remete apenas para a transcrição passo a passo das operações de raciocínio lógico, mas cada vez mais para processos complexos de computação de grandes massas de dados, destinados a extrair todo o tipo de correlações, a maximizar a eficácia da mediação, das tomadas de decisão, e a antecipar tendências futuras. A previsão do futuro é, de resto, um campo de batalha privilegiado em que os poderes contemporâneos apostam para ganhar posições de influência (Finn, 2017).

Mas será este futuro mera expectativa do provável ou, mais do que isso, algo produzido pelos próprios algoritmos? O futuro inventa-se, pode ser surpreendente, ou está já escrito nos meta-dados que os automatismos inteligentes descodificam?

Em concomitância com esta ascensão dos algoritmos, a outrora proclamada sociedade da informação e do conhecimento parece estar a revelar-se uma sociedade em que tudo é automaticamente registado e transfigurado pelo *targeting*, configurando uma fragmentação generalizada do tecido social em *clusters* isolados e fanaticamente polarizados entre si. Estarão os dispositivos sociotécnicos a gerar uma cultura de guetos identitários e oposições radicais alérgicas a qualquer sensibilidade dialética?

O recente debate sobre a pós-verdade confirma a emergência duma "sociedade da desinformação" assente na *confirmation bias*, nas *cybercascades* e nas *echo chambers*. A desintermediação mostrou assim o seu avesso, a credulidade falaciosa. Nesse sentido, torna-se imperativo perceber a relação entre reações emotivas aos conteúdos digitais e o capital cultural dos internautas no que diz respeito aos temas morais, políticos e sociais que protagonizam as disputas em rede (Wu, 2016).

A contemporânea vaga de populismos parece ter o seu embrião nesta dimensão cibercultural até há pouco ignorada, que agora ameaça pôr em causa o ideal socialmente emancipatório que nos foi prometido com o acesso ao mundo digital. Como alertou Christian Fuchs (2017), a proliferação dos nacionalismos e autoritarismos evoca um passado não tão distante, parecendo confirmar o receio de que a história se repita, ao mesmo tempo que experienciamos fenómenos que prometem uma nova era, resultantes de tecnologias como os *social media*, os *big data*, a Internet das Coisas, a *cloud computing*, o *machine learning*, entre outros. O velho e o novo parecem interligar-se no presente de formas particularmente complexas.

A transformação tecnológica não deve, contudo, ser encarada como o único fator determinante. Os seus possíveis efeitos na emergência das polarizações culturais e dos populismos são igualmente filtrados por

narrativas e visões do mundo ideológicas que também contribuem para a definição da Internet de hoje como terreno de conquista política e económica. É por isso necessário apreender e discutir o modo como esta contribui (ou não) para esses novos populismos e como é definida e usada quer pelos seus líderes quer por outros atores ou organizações.

Em 2017, e enquanto coordenadores do Grupo de Trabalho em Cibercultura da SopCom: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, propusemos uma discussão sobre esta problemática multidimensional, que abrange questões jornalísticas, epistémicas, estéticas, éticas, políticas, educacionais, sociotécnicas e ciberculturais, então sob a forma de um colóquio intitulado "Targeting, Fake News e Ciberpopulismos: Entre Algoritmos e Cibercultura", que teve lugar na Universidade de Aveiro, em co-organização com o DigiMedia e com o ICNOVA, as unidades de investigação em que cada um de nós está integrado. A riqueza e diversidade das comunicações aí apresentadas levou-nos a propor à *Observatório: OBS** que acolhesse esta temática num número especial, para o qual os participantes desse colóquio poderiam submeter os respetivos textos, em conformidade com as regras de *blind peer reviewing* que integram a política editorial desta revista.

Considerámos, contudo, que sem pôr em causa a unidade epistemológica do tema, este poderia ser alargado, com isso dando oportunidade a que outros autores que não tiveram oportunidade de participar no colóquio submetessem também os seus artigos. "As Formas Contemporâneas dos Conflitos e das Apostas Digitais" foi o título encontrado para o presente número. De facto, observámos como a World Wide Web é cada vez menos World Wide, uma vez que, dum lado, a *net neutrality* deixou de ser um alicerce tecno-jurídico normalmente partilhado nos países ocidentais (nos EUA a Federal Communications Commission pôs em questão o princípio pelo qual Internet deve ser considerada uma *utility*, isto é, um serviço essencial e de interesse público que cabe ao Estado garantir e regulamentar, abrindo o caminho a uma rede com qualidades de tráfego diferenciadas), enquanto do outro lado se consolida uma *web* paralela no mundo asiático, nomeadamente as plataformas chinesas e as companhias russas ao serviço de uma precisa estratégia geopolítica, que divide a esfera *online* em continentes digitais incommunicantes. Dentro desse cenário a investigação científica, a inovação tecnológica, a concorrência entre empresas e a vida digital de cada um de nós tem de lidar com modelos de *governance* em conflito, apostando na criação de novos projetos ciberculturais ética e politicamente sustentados (Harrari, 2018).

Os artigos que integram o presente número abordam a temática ora segundo uma aproximação mais especulativa e de síntese, apresentando-nos o *state of the art*, ora propondo análises mais empiricamente orientadas.

Dos quatro artigos que vão ao encontro da primeira perspetiva, o texto de Vania Baldi, intitulado "A Construção Viral da Realidade: Ciberpopulismos e Polarização dos Públicos em Rede" apresenta um conjunto de correlações entre a radicalização das posições na comunicação em rede e a relevância conferida às opiniões em detrimento da consideração dos factos, entre a crise da democracia representativa e a ideologia da desintermediação, os hábitos digitais e as políticas algorítmicas das plataformas. Também procurando uma visão de conjunto, "A Rede na Estratégia da Aranha: 'Pós-Verdade', Política e Regressão", de Francisco Rui Cádima, centra-se na articulação entre o *algorithmic turn* e a emergência da chamada "pós-verdade", destacando as possíveis consequências (algumas delas já bem visíveis) para o jornalismo e para a política contemporânea. Os restantes dois artigos desta primeira parte abordam uma das dimensões mais destacadas dessa "pós-verdade", justamente as chamadas *fake news* que integravam o intitulado do

colóquio a que acima nos referimos. João Paulo Meneses fá-lo procurando acercar-se do fenómeno a partir da semântica do conceito; pelo seu lado Pablo Parra Valero e Lúdia Oliveira seguem a clássica via académica de uma revisão sistemática da literatura em torno desse termo.

Dá-se em seguida lugar a estudos empíricos, com objetos e objetivos que embora mais específicos contribuem na mesma medida para uma compreensão desta nova realidade da cibercultura contemporânea. Como contraponto aos diagnósticos pessimistas acerca do retorno dos populismos, o artigo de Sofia Larsson, "Networking, Exclusion and Negotiated Visibility" aborda as estratégias de grupos ativistas, em particular os defensores de causas feministas e anti-racistas, para alcançarem uma maior visibilidade e fazerem passar a sua mensagem nos blogues e nas plataformas de *media* sociais. Jorge Martins Rosa, Janna Joceli Omena e Daniel Cardoso, em "Watchdogs in the Social Network: A Polarized Perception?", concentram-se num caso singular e também numa plataforma muito específica, a página de Facebook "Os Truques da Imprensa Portuguesa", acompanhando a sua atividade e em particular a discussão gerada em torno da publicação na qual os autores revelaram as suas identidades, até aí anónimas. Da atualidade portuguesa passamos para a brasileira, foco dos dois últimos textos. Em "Cobertura Política da Imprensa, Efeitos da Mídia e Adesão à Democracia no Brasil após os Protestos de 2013", os autores Uirá de Melo e Pedro Santos Mundim voltam a sua atenção para os meios jornalísticos clássicos e a sua eventual influência na opinião pública num período particularmente conturbado da história recente do Brasil. Olhando para um período mais recente – mas nem por isso menos conturbado – Ricardo Ribeiro Ferreira, em "Rede de Mentiras: A Propagação de *Fake News* na Pré-Campanha Presidencial Brasileira", regressa a esse conceito com o qual nos cruzáramos nos textos da primeira parte.

Esperamos, com o presente número, contribuir para um debate público extensível aos diferentes domínios do conhecimento que se cruzam com este tema, na medida em que a infoesfera, pelas culturas que a atravessam e de que esta é mediadora, pelas políticas que a dinamizam e que por sua vez reflete, pelas economias que a condicionam e pelas criatividade que incita, constitui um âmbito que requer a constante sinergia entre as múltiplas sensibilidades heurísticas e cívicas.

Referências Bibliográficas

- Finn, E. (2017) *What Algorithms Want. Imagination in the Age of Computing*, Oxford: The MIT Press.
- Fuchs, C. (2017) Donald Trump: A Critical Theory-Perspective on Authoritarian Capitalism, *TripleC: Communication, Capitalism & Critique* 15 (1): 1-72.
- Harrari, Y. N. (2018) *21 Lições para o século XXI*, Lisboa: Elsinore.
- Wu, T. (2016) *The Attention Merchants: The Epic Scramble to Get Inside Our Heads*, Nova Iorque: Knopf.